

PARA ALÉM DOS FIOS E CABOS: SOBRE A PERFORMANCE METASUBCIBERTRANS

Resumo:

Trata-se de um texto construído em diálogo com o trabalho *Metasubcibertrans* (2007, 2008) da performer Fabiane Borges. Oscila entre a descrição e a invenção - nem crítica de arte, nem ensaio teórico. Insere-se, tão somente, como texto-afetação. Aborda a precariedade técnica – fios e cabos que não conectam - como elemento que singulariza o trabalho da artista e a inscreve como tropo para abordar a desconstrução de dicotomias baseadas no sexo e no sonho tecnológico da conexão como necessidade.

Um corpo onde são precariamente atados aparatos técnicos¹.

Nos seios, mouses. No estômago, uma placa-mãe. Na boca, portas de conexão. Na vagina, um mouse. Na cabeça, um chapéu de feltro. No colo, palavras escritas em batom vermelho. E, desfazendo signos identitários, uma máscara perfaz dois olhos. Há a repetição do pênis, no mouse. Há a repetição da boca, na placa de conexão. Há a repetição do estômago, na placa-mãe. Há a repetição dos seios, nos mouses. Há a repetição da face, na máscara. E aqui, *a repetição é aquilo que se opõe à representação, não à diferença*².

Na repetição, perfaz-se um sintagma composto pela disposição dos prefixos *meta*, *sub*, *ciber* e *trans* na qual o primeiro desloca os demais da sua função literal³. Esquiva-se à lógica de classificação por oposições, à necessidade de conexão.

Deparamo-nos com um dispositivo sócio-técnico feito com peças e cabos que não conectam. A força da performance não está no aprimoramento das potencialidades da interatividade ou da simbiose entre corpo e máquina – os aparatos são obsoletos. Da precariedade, inscrita na adoção do prefixo *sub*, emerge grande parte da potência da performance. Sonha a *metasubcibertrans* com computadores vestíveis ligados a outros tantos dispositivos? Os fios – repitamos - não conectam. Alguns aparatos estão, inclusive, amarelados pelo tempo. Teria a *metasubcibertrans* fugido de um sonho tecnológico não concretizado?⁴

No híbrido, se entrevêm os seios. A visão do contorno das pernas faz do sexo potência de criação e de relação. Sexo também obsoleto frente ao instável arranjo atado com fita adesiva. Divisa-se uma metaficção que questiona os limites do sexo como marcador identitário e da rede de comunicação como utopia civilizatória. Desta vez, a inscrição se dá no prefixo *ciber* e, como indagam as integrantes do g2g⁵, grupo do qual faz parte a performer – o ciberfeminismo teria chegado à América Latina? Em nosso contexto, o tropo *cyborgue* funciona para a desconstrução de dicotomias sexo/gênero e relações de poder de base tecnológica?⁶

¹ Entre os dias 07 e 11 de dezembro, em Lençóis, no interior baiano, ocorreu a terceira edição do evento Submidialogia: a arte de re:volver os logoss do conhecimento pelas práticas e desorientar as práticas pela imersão no subconhecimento. Trata-se de um encontro imersivo que agregou artistas, ativistas e intelectuais. A metodologia de organização se divide em três linhas de ação: o convívio, a realização de integrações multimídia e a montagem de intervenções públicas. Na edição de 2007, diferentemente das anteriores, houve uma invasão feminina (Wells, T. 2008). É sobre uma destas performances que se debruça o presente texto.

² Idéia trabalhada em Deleuze e retomada por Peter Paul Pebart (2003), p. 229.

³ Efeito semelhante de deslocamento é explorado nas performances *drag king* (Hanson, J., 2007)

⁴ Fugido, como o fez, a criatura desenvolvida pelo Dr. Frankenstein, na novela de Mary Shelley?

⁵ g2g é um grupo composto por mulheres cujo trabalho se volta para o uso de tecnologias de software livre. Referências sobre o grupo podem ser encontradas no site www.interfaceg2g.org.

⁶ Sobre o questionamento do tropo *cyborgue* como metáfora contemporânea para a desconstrução de dicotomias, ver texto *Sobre os Ciborgues como figuras de borda* (Galindo, 2003).



Ilustração 1 - Metasubcibertrans por Karla Brunet

Os aparatos técnicos não compõem um exoesqueleto nem são introduzidos na espessura da carne. A performance se dá na superfície da pele. A voz está retida pelas portas de conexão cujos cabos envolvem o pescoço e instalam constrictões de movimento. O dispositivo que conecta é o mesmo que depõe acerca da insuficiência no uso das redes de comunicação. O mouse se interpõe à vulva. *O que se necessita não é uma nova parte do corpo, para dizer de algum modo, mas deslocar o simbólico hegemônico da diferença sexual (heterossexual) e oferecer em perspectiva crítica, esquemas imaginários alternativos que permitam constituir espaços de prazer erógeno*⁷.

Como na *Minotaure* de Dali⁸, o corpo *trans* figura-se ao desfazer os contornos nítidos entre feminino e masculino, entre humano, animal e máquina. Sonha-se a metasubcibertrans um cyborg? Mouses se interpõem aos seios e duas crianças são apoiadas em seus braços - posam para a câmera.



Fabiane Borges

Atada por fios e cabos, a performer não se interliga a outro dispositivo – a sustentação dos aparatos está no corpo. Nos cabos que saem das portas analógicas não correm feixes de informação. Performance e política se entrelaçam num corpo que se situa às margens dos fluxos tecnológicos de comunicação. Sonha a metasubcibertrans com feixes de informações binárias percorrendo os cabos que a atam? Tem-se um corpo *open source*, aberto, instável⁹.

A criatura não agoniza, sorri fixamente – linha horizontal estirada na face. É instalada uma figuração ritual. A junção imperfeita entre corpo e aparatos delineia um gesto fágico.

Na performance *Ciberpsicom*, para uma fala lacônica e fluxos de voz. Victoria apresenta aparatos técnicos elétricos perfazem sons

riatura, desaparece. Abre-se espaço . Códigos binários interrompem os trans que, desta feita, já não mais e entrevê apenas a boca, descargas



Ilustração 3 - Performance Ciberpsicomagia por Fabiane Borges

⁷ Butler, Judith (2002), p. 142.

⁸ Imagem híbrida entre La Minotaure <http://www.degradarte.org>

⁹ As imagens divulgadas pela artista consultar: <http://youtube.com/rss/taç>

pode ser encontrada no site

aberto. Para performance em vídeo,

Miserável e divina criatura. Povo yanomami¹¹ me tocava muito delicadamente. Abriam minha placa mãe. Aprenderam sobre os critérios da evolução. Meu corpo era um objeto experimental. Para eles entenderem porque não acreditamos em evolução¹² (Borges, F, 2008).

Espíritos indígenas passam a povoá-la. Em performance anterior, a artista já havia invocado os índios guaranis kaiowás de Mato Grosso, que, na ausência de alternativas dignas de vida, cometem suicídio ritual. São estes índios que a abrem e perscrutam a placa mãe atada à pélvis.

O corpo híbrido se converte em objeto experimental. Com o que sonham os índios que a abrem? Tocam-na, delicadamente, num gesto desencantado – do experimento. Uma vez sonhados, os índios são incorporados ao laboratório estendido da artista – tecnomagos que atuam nas interfaces maquínicas e oníricas (Synclair, V., 2008).

A carcaça do computador se mistura ao visco dos alimentos. Obsoleta, perecível. Passamos um outro agenciamento - índios, alimentos e carcaças¹³.

A criatura agoniza. Não existem mais fios. Não existem mais cabos. Existe apenas o imperativo da conexão – fluxos maquínicos e espirituais a atravessam. Fios, cabos e vestes são expostos sem o suporte corpóreo. Opera-se a autonomização dos aparatos em relação à ordem corpórea

Assim, como os animais mortos para abate, a metasubcibertrans tem sua pele esticada no curtume.



Ilustração 4 - Performance Ciberpsicomagia por Fabiane Borges

Malhas, Fios, cabos e fluxos são atados em alegoria. *Agora retiram de mim a cobertura de carne, escorrem todo o sangue, afinam os ossos em fios luminosos e aí estou (...) parecida comigo. Um rascunho¹⁴.*

Referencias bibliográficas

BORGES, F. **Fala da Metasubcibertrans**. Disponível em: www.cassandras.blogspot.com.

¹⁰ Performance realizada na Casa das Bananeiras, no Rio de Janeiro, em 2008

¹¹ Sobre a performance *Suicídio Guarani*, consultar: <http://diplo.uol.com.br/2008-02,a2168>

¹² Depoimento em vídeo, transcrição cedida pela artista.

¹³ Sobre corpos sem órgãos (Deleuze, 2002).

¹⁴ Trecho de poema narrado pela cantora Elis Regina durante o seu último show intitulado Trem Azul.

Acessado em 12/03/2008.

BUTLER, J. Identificación fantasmática y la asunción del sexo. Em: **Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'**. Buenos Aires, Paidós, 2002.

DELEUZE, G. Como hacerse um corpos in órgãos? Em: Mil Mesetas: capitalismo y esquizofrenia. Espanha, Pré-textos.

GALINDO, Dolores Sobre os ciborgues como figuras de borda. **Athenea Digital**. nº 4. 2003

HANSON, Julie Drag Kinging: Embodied Acts and Acts of Embodiment. **Body & Society**, Vol. 13, No. 1, 61-106 , 2007

HARAWAY, Donna **Ciência, Cyborgs y mujeres: La reinencion de la naturaleza**. Madrid, Ediciones Catedra, 1991.

PELBART, Pelbart Música e Repetição. Em: **Vida Capital: Ensaio de biopolítica**. São Paulo, Iluminuras, 2003.

SYNCLAIR, Vitoria. **Entrevista com a Metasubcibertrans**. Disponível em: www.cassandras.blogspot.com. Acessado em 12/03/2008.

Dolores Galindo

Doutora em Psicologia Social. Pesquisadora do Grupo Práticas discursivas e Produção de Sentidos PUCSP e docente da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) nos cursos de Comunicação e Psicologia. E-mail: dolores_galindo@hotmail.com

Agradecimento

A Fabiane Borges pelas diversas conversas ao longo da redação deste texto.